

**UMA TEORIA SOCIAL DA LINGUA(GEM)
ANUNCIADA NO LIMIAR DO SÉCULO XX POR
ANTOINE MEILLET / *A SOCIAL THEORY OF LAN-
GUAGE ANNOUNCED AT THE THRESHOLD OF THE
TWENTIETH CENTURY BY ANTOINE MEILLET***

*Daniel Marra**

*Sebastião Elias Milani***

Resumo: Ferdinand de Saussure (1857-1913) definiu a *lan-
gue* como um *fato social*, uma realidade exterior ao indivíduo
e a sua vontade, e cuja posse é da sociedade. Ele jamais fez
referência a Émile Durkheim (1858-1917) ao fazer tal
conceituação, embora o conceito do sociólogo francês fosse
amplamente conhecido no meio intelectual do início do
século XX. Por outro lado, Antoine Meillet (1866-1936),
discípulo de Saussure, enquanto contribuía com o jornal de
Durkheim, *L'année sociologique* (1905-1906), mais ou me-
nos na mesma época em que Saussure iniciava o *CLG* (1907-
1911) em Genebra, caracterizou *linguagem* como um fato
social fazendo referência ao conceito estabelecido por
Durkheim. Trata-se, neste artigo, das ideias linguísticas de

* Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins/IFTO,
Palmas, Tocantins, Brasil; delmarra2004@hotmail.com

** Professor da Universidade Federal de Goiás/ UFG, Goiânia, Goiás, Brasil; sebase-
lias37@hotmail.com

Meillet que influenciaram direta ou indiretamente um grande número de linguistas por várias décadas do século XX. O linguista dedicou-se tanto aos estudos histórico-comparativos das línguas indo-europeias quanto à natureza histórica e social da linguagem. O aspecto social de sua teoria anunciada se constitui no tema central deste estudo historiográfico-linguístico.

Palavras-chave: Antoine Meillet; língua(gem); fato social; sociedade; indivíduo

***Abstract:** Ferdinand de Saussure (1857-1913) defined language as a social fact, a reality which is exterior to the individual and his will, and belongs to the society. He has never quoted Émile Durkheim (1858-1917) while discussing such concept, however the French sociologist's conception was widely known in the intellectual milieu of the early twentieth century. Moreover, Antoine Meillet (1866-1936), a disciple of Saussure, while contributing to Durkheim's newspaper, L'année sociologique (1905-1906), at about the same time that Saussure began the CGL (1907-1911) in Geneva, characterized language as a social fact referring to the concept established by Durkheim. This article deals with the linguistic ideas of Meillet that directly or indirectly influenced a large number of linguists for several decades of the twentieth century. The linguist dedicated himself to both the historical and comparative studies of Indo-European languages, as to the social and historical nature of language. The social aspect of his announced theory is the central theme of this historiographical-linguistic study.*

Keywords: Antoine Meillet; Language; Social Fact; Society; Individual

Introdução

A noção de *instituição social*¹ como algo constituído e governado por normas coletivas consideradas obrigatórias, coercitivas e sustentadas por fortes sanções tem suas raízes no pensamento sociológico de Hebert Spencer (1820-1903) e William Sumner (1840-1910). Essa ideia ganharia, no entanto, contornos sistemáticos por meio do pensamento positivista de Émile Durkheim (1895). Ao dizer que as normas, os costumes e as convenções sociais existem como *atos sociais*, exteriores aos indivíduos e que se constituem numa realidade *sui generis*, Durkheim procedeu a um deslocamento que retirava o foco da análise dos fenômenos sociais das bases psicológicas individuais.

O conceito de língua como um *fato social* remonta ao pensamento linguístico de William Dwight Whitney (1867), embora o linguista não tenha usado tal expressão, e sim, a terminologia *instituição social*. Ao considerar a língua uma instituição social, cuja posse é da sociedade, afastando dela a ação individual, Whitney já imprimia nela as características próprias dos fatos sociais. Embora o nome de Durkheim seja referido neste texto como uma fonte básica para qualquer noção de fato social por ter sido ele o primeiro a dar-lhe uma definição, há que se pensar que Saussure (1916), ao descrever o caráter de exterioridade da língua em relação à ação individual, dialogava com Whitney e não com Durkheim, pois não há uma única referência a este em seus escritos.

Enquanto Saussure ensinava em Paris, teve Antoine Meillet como um de seus mais brilhantes alunos. Meillet o substituíra na *École Pratique des Hautes Études* na ocasião de seu retorno a Genebra. Os dois linguistas, no entanto, mantiveram contatos frequentes por correspondências. Entre os anos de 1905 e 1906, pouco tempo antes de Saussure iniciar o *Curso* em Genebra, Meillet, enquanto contribuía com o jornal de Durkheim, definiu linguagem como um fato social fazendo referência ao conceito de Durkheim. Dada a proximidade de Meillet com Saussure e a abrangência mundial que tinha o jornal de Durkheim, *L'année*

¹ John Scott (2010) diz que “fica nítida a ideia básica de instituição como uma série de expectativas normativas fundamentais, generalizadas e recorrentes”. Tal ideia de *instituição social*, no entanto, “foi expressa com maior sucesso por Durkheim, que generalizou a noção de regras jurídicas, morais ou costumeiras que existem como *atos sociais* restritivos numa sociedade particular” (p. 112-113).

Sociologique, é remoto imaginar que Saussure não tenha tido acesso a essa publicação de Meillet. O fato de Saussure jamais ter indicado de onde saíra sua inspiração ao compreender que a língua é um fato social faz crer que dificilmente ele tenha se inspirado na noção de Meillet. Mais seguro é admitir que essa noção era parte do pensamento científico-social da época.

O que se sabe, no entanto, é que foi Meillet, e não Saussure, o primeiro linguista a publicar um texto caracterizando a língua(gem) como um fato social. Meillet, em suas discussões, não fez distinção entre língua e fala e preferiu utilizar a terminologia linguagem em suas conceituações. Essa era compreendida como a razão principal de existência do grupo social, como o elemento que tornava possível a socialização. Desse modo, este texto fará referência à terminologia de Meillet como *linguagem*, e à de Saussure e Whitney como *língua*. A noção de linguagem do autor é diferente das noções desses linguistas. Linguagem, na concepção de Meillet, não se trata de uma capacidade inata como era para Whitney e Saussure, mas de uma posse concreta adquirida no meio social. Meillet, ora fala de *linguagem*, ora fala de *uma língua*, e as define indistintamente. Para o autor, a linguagem é um fato social, e cada língua, e toda língua, como noção particular e concreta, é também um fato social.

Meillet, em seus escritos, mostrou-se insatisfeito com o *status* da Linguística Geral de sua época, que parecia ignorar os avanços do pensamento sociológico-científico. Dessa forma, indo na contramão dos postulados estabelecidos, e ancorado nas ideias da Sociologia emergente, o linguista proporia uma abordagem de caráter inovador, *uma abordagem social da linguagem*. Tal abordagem deveria se ocupar com o estudo do desenvolvimento da linguagem, buscando conciliar os estudos da mudança linguística com os estudos da estrutura da sociedade em que esse elemento se desenvolve.

As discussões que compõem este artigo se orientam pelo método da Historiografia Linguística. Esse campo de conhecimento linguístico foi definido por Cristina Altman (1998) como tendo objetivos de “descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo” (p. 25). As etapas do trabalho historiográfico-linguístico, esboçadas por Milani (2011), direcionam a pesquisa e a organização deste texto.

1 Meillet: de influenciado a influenciador

Paul Jules Antoine Meillet (1866-1936) foi um dos principais linguistas de seu tempo. Atuou no campo da filologia histórico-comparativa das línguas indo-europeias e também no âmbito da Linguística Geral. Suas maiores influências vieram de dois professores de duas instituições diferentes: Ferdinand de Saussure (1857-1913), da *École Pratique des Hautes Études*, e Michel Bréal (1832-1915), do *Collège de France*. Em 1891, foi nomeado professor de filologia comparativa na *École Pratique des Hautes Études* como sucessor de Saussure, e assumiu, em 1906, a cátedra de Filologia Comparativa e Linguística Geral no *Collège de France* como sucessor de Bréal. Meillet também foi professor na Sorbonne, universidade onde se doutorou em 1897.

Em sua aula inaugural no *Collège de France*, quando assumia a cátedra deixada por Michel Bréal, reconhecendo a importância do mestre para a linguística francesa, Meillet declarou:

O Sr. Bréal se aposenta no momento em que acaba de publicar o livro sobre a Semântica [*Essai de Sémantique - Science de significations*, 1897]. [...] ele concluiu um novo livro que vai renovar uma questão importante, mas eu não preciso falar de uma carreira científica que continua a brilhar. [...] o Sr. Bréal aconselhou, apoiou e encorajou os jovens sem pedir-lhes que pensassem como ele, e quando, depois de um ensino longo e glorioso, [...] ao resolver deixar sua cátedra, seu desejo era o de ser sucedido por um discípulo que não continuasse a repeti-lo (MEILLET, 1906, p. 1, *passim* – grifos nossos).²

Na mesma ocasião, outro ex-professor, Ferdinand de Saussure, foi lembrado pela preocupação metodológica que lhe era peculiar em seus ensinamentos de Linguística Geral:

Ainda me lembro de outro nome: depois de ter dado ao nosso país uma década de brilhantes ensinamentos e de ter suscitado em torno de si vocações científicas, o Sr. Ferdinand de Saussure retornou à sua pátria para ocupar a cátedra de Gramática Comparativa na bela Universidade de Genebra. Nenhum dos que tiveram a felicidade de ouvi-lo esquecerá das lições familiares na *École des Hautes Études*, em que a elegância da forma escondia a segurança impecável e a extensão da informação, e a precisão de um método inflexivelmente rigoroso deixava apenas que se vislumbrasse o gênio da intuição (MEILLET, 1906, p. 2).

² Todas as citações da obra de Meillet foram traduzidas do francês para o português pelos autores deste artigo.

Em outra ocasião, na *Introduction a L'étude Comparative des Langues Indo-Européennes* (1903), reconhecendo a importância do mestre para seus estudos, dedicou-lhe o livro: *A mon maitre M. Ferdinand de Saussure, a l'occasion des vingt-cinq ans écoulés depuis la publication du Mémoire sur le Système primitif des Voyelles dans les Langues Indo-Européennes* (1878-1903). Meillet, nessa obra, agradeceu aos antigos mestres, como Michel Bréal, Abel Bergaigne e Victor Henry, e falou das importantes lições de Gramática Comparada que estes lhe deram. Ao se dirigir à figura de Saussure, deu ênfase à visão sistemática e à preocupação com o método que caracterizavam o mestre genebrino:

[...] o Sr. Ferdinand Saussure, cujos esforços eram principalmente os de assimilar e reproduzir a doutrina precisa e sistemática e o método rigoroso. As pessoas que tiveram a sorte de participar das aulas do Sr. F. de Saussure ou que têm refletido sobre suas raras publicações perceberão facilmente o quanto este livro deve a ele (MEILLET, 1903, p. XI-XII).

As obras mais importantes de Meillet se relacionam com os estudos indo-europeístas, como *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes* (1903), *Les dialectes indo-européens* (1908) e *La méthode comparative en linguistique historique* (1925). O trabalho que desenvolvera em matéria de filologia comparada das línguas indo-europeias e em linguística geral, em que tentou instituir uma linguística socialmente informada, que lhe proporcionara grande prestígio acadêmico em vida, já é suficiente para posicioná-lo entre os mais importantes linguistas do século XX. Meillet, porém, foi também importante para a formação de uma nova geração de estudiosos da Linguística, como as figuras de Joseph Vendryes (1875-1960), Gauthiot Robert (1876-1916), Marcel Cohen (1884-1974), Alf Sommerfelt (1892-1965), Georges Dumézil (1898-1986), Émile Benveniste (1902-1976), André Martinet (1908-1999) e outros.

Luis-jean Calvet (2006) construiu um percurso que parte da conceituação de linguagem dada por Meillet e vai aos estudos de seus ex-alunos Alf Sommerfelt (1892-1965) e Marcel Cohen (1884-1974). A conceituação oferecida por Meillet e a forma como ele entendia que deveria ser o estudo da linguagem foram determinantes para o desenvolvimento das pesquisas realizadas por seus ex-alunos. Sommerfelt, linguista norueguês, teria sido um dos primeiros a apresentar descrições sociolinguísticas de uma língua. O linguista iniciara seu livro *La Langue et la Société: caractères sociaux d'une langue de type archaïque* (1938) dizendo

que seu trabalho era uma tentativa de estabelecimento de uma *linguística sociológica*. Por isso, dera ênfase à natureza social da linguagem:

Como a linguagem é um fato social comparável à religião, aos princípios ou regras da Lei, é óbvio que se deveria estudá-la da mesma forma que a esses elementos, o que equivale a dizer que se deveriam utilizar os mesmos métodos gerais da Sociologia, os quais seriam conciliados com os métodos específicos da Linguística (SOMMERFELT, 1938 *apud* CALVET, 2006, p. 18).³

Nesse trabalho, Sommerfelt citou Meillet, a cuja memória o trabalho foi dedicado. Além disso, ele se apoiou em Émile Durkheim (1858-1917), Marcel Mauss (1872-1950), Bronislaw Malinowski (1884-1942), Lévy-Bruhl (1857-1939) e Radcliffe-Brown (1881-1955), os maiores sociólogos e antropólogos da época. É importante observar também, nas discussões de Sommerfelt, que, embora a Linguística tenha se constituído em ciência autônoma, desvinculando-se da Filosofia e, conseqüentemente, da religião, a visão de mundo religiosa ainda permeava as concepções de linguagem e de Linguística no início século XX.

Outro ex-aluno de Meillet, Marcel Cohen, também se dedicou a compreender as relações entre língua e sociedade. Segundo Calvet (2006), Cohen, no livro *Matériaux pour une sociologie du langage* (1956), buscou compreender temas variados como *língua e grupos sociais, língua da cidade, língua do campo, contato linguístico*. Todos esses temas se desenvolveriam mais tarde dentro da ampla área de estudos denominada Sociolinguística.

Konrad Koerner (2002) incluiu outros dois discípulos de Meillet, Joseph Vendryes (1875-1960) e André Martinet (1908-1999), entre os que desenvolveram importantes estudos sobre mudança linguística, área em que Meillet foi proeminente. Vendryes compartilhava profundamente das visões do mestre sobre a natureza social da linguagem e do desejo de estabelecer uma linguística sociológica. Ambas as preocupações de Vendryes e de Meillet estavam no estabelecimento das causas da mudança linguística e não simplesmente na descrição do mecanismo de sua evolução, prática comum entre os mais tradicionais linguistas históricos indo-europeístas.

Vendryes, no livro *Le Langage: Introduction Linguistique a L'histoire* (1921[1914]), dedicado a Meillet, afirmou ter sido o *maître et ami* o grande

³ Traduzido do inglês.

incentivador do trabalho e reconheceu a influência das ideias deste na obra em questão. Como Meillet, Vendryes também declarou ser a linguagem um fato social, mas dentre todos os fatos sociais considerou ela o mais importante: “a linguagem, que é o fato social por excelência, é o resultado do contato social. Ela tornou-se um dos mais fortes laços que une as sociedades e deve seu desenvolvimento à existência do grupo social” (VENDRYES, 1921[1914], p. 13).⁴

Um dos mais notórios discípulos de Meillet, André Martinet, também se dedicou aos estudos sobre a mudança linguística. Koerner (2002), buscando estabelecer uma ponte entre os estudos de Meillet e o início da Sociolinguística nos Estados Unidos, assinalou o fato de Martinet, que se mudou para os Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, ter orientado a pesquisa de doutorado de Uriel Weinreich (1926-1967) na Universidade de Colúmbia, publicada em 1953 com o título de *Languages in Contact*. Weinreich, por sua vez, orientou as pesquisas de mestrado e doutorado de William Labov, considerado a figura central no estabelecimento da Sociolinguística naquele país.

No entanto, é preciso que algumas questões sejam esclarecidas sobre as argumentações de Koerner. Na verdade, a importância de Martinet para os estudos sociolinguísticos aconteceu de forma indireta. A preocupação desse autor era com as causas internas da mudança linguística e não com as causas externas, ou seja, com os fatores sociais. No entanto, como se sabe, os dois fatores existem e desempenham ações complementares no processo da mudança.

As ideias de Martinet sobre as motivações internas ou estruturais que condicionam e propagam a mudança linguística foram de grande proveito na ocasião dos estudos iniciais de Labov. Na apresentação de seu texto sobre o dialeto falado em *Martha's Vineyard* (1963), Labov afirmou que muitas das ideias de Martinet motivaram grandemente algumas das interpretações de seu estudo. Além disso, em sua pesquisa sobre o dialeto de Nova Iorque (1966), o autor declarou que o ponto de vista de Martinet foi apoiado por várias evidências em seu estudo, e muitas referências foram feitas às análises dele sobre as pressões estruturais que condicionam a mudança sonora (LABOV, 1991[1972], p. 2; LABOV, 2006[1966], p. 10-13, 32, 345, 359 e 377). Confronte, além disso, a declaração de Labov sobre a importância do trabalho de Martinet para os estudos sobre a mudança linguística:

⁴ Traduzido do francês.

Martinet foi professor do meu professor, Uriel Weinreich, e eu tinha o *status* não oficial de *petit fils* entre os martinianos. Embora eu argumente aqui contra a insistência de Martinet sobre o caráter autônomo da Linguística, trabalhos posteriores têm confirmado sua afirmação de que as consequências estruturais de ruptura externa do sistema linguístico podem funcionar por si mesmas por muitos séculos, indo progressivamente de um ajuste a outro, de modo que muito do desenvolvimento linguístico é autônomo. Evidência para essa visão aparece mais fortemente no *Atlas of North American English* (LABOV, 2006[1966], p. 10).⁵

Labov, evidentemente, buscou alinhar seu pensamento ao de Meillet que, segundo o próprio sociolinguista, resistia à ideia de que os fatos sociais pudessem ser redutíveis às manifestações individuais. Labov exalta a influência de Émile Durkheim sobre o linguista francês quando este conceituou a linguagem como um fato social, declarando que o século XX seria devotado ao estudo desta no contexto social. Mas Labov também se queixou de Meillet e de seus discípulos por não terem se dedicado inteiramente ao desenvolvimento das ideias que propuseram no início do século XX, e mostrou que apenas na segunda metade desse século o estudo da linguagem ancorada em seu contexto social de uso começara a se desenvolver:

É evidente, através do registro dos anos que se seguiram, que nem Meillet nem seus alunos tomaram esse prospecto com seriedade total [...]. Podemos agora retornar a essa área de trabalho com equipamentos mais adequados do que Meillet dispunha para lidar com problemas tão difíceis. Não só temos uma teoria mais explícita da estrutura fonológica como também possuímos ferramentas úteis como aparelhos para gravação, espectrogramas e métodos de amostragem, e manipulação de grandes quantidades de dados (LABOV, 2006[1966], p. 12).⁶

2 A linguagem como um fato social na obra de Meillet: esboço de uma teoria

Calvet (2006) chamou o desencontro nas conceituações de Saussure e Meillet de “um estranho debate em que os adversários jamais trocaram palavras”. Saussure, que havia retornado para a Suíça em 1891, deixando Meillet em sua

⁵ Traduzido do inglês.

⁶ Traduzido do inglês.

cadeira na *École des Autes Études*, mantinha contato ocasional com este por cartas. No entanto, de acordo com Calvet, Meillet não sabia do conteúdo do *Curso* que Saussure ministrava em Genebra. Apenas em 1916, uma década depois de Meillet ter publicado seu artigo caracterizando a linguagem como um fato social, soube que Saussure havia conceituado a língua como tal:

Em doze de novembro daquele ano [1906] [...] ele [Saussure] escreveu para Meillet essencialmente para discutir sobre sua pesquisa acerca dos anagramas na poesia saturnina, pesquisa da qual ele logo desistiu e da qual não menciona uma palavra em suas aulas. Meillet não estava a par do que Saussure estava ensinando; em 1913, ao escrever no obituário de Saussure, ele fez referência apenas ao *Mémoire sur le système primitive des voyelles dans les langues indo-européens*. Somente após 1916, depois da publicação póstuma do *Cours de linguistique générale*, foi que ele soube das proposições a que fez fortes objeções. Assim, Saussure em lugar algum expressou sua opinião sobre as teses de Meillet, cujo nome nem mesmo aparece no índice do *Cours*, e Meillet não pôde criticar Saussure senão depois da morte deste (CALVET, 2006, p. 17 – grifos nossos).⁷

Meillet não compreendia a *linguagem* como sendo sistematicamente cindida nos elementos língua e fala, tampouco a concebia como uma capacidade inata, como era para Saussure. Não existe, em Meillet, uma noção de *langue* como um elemento abstrato que existe virtualmente nos *cérebros* dos indivíduos e independente da fala, como dissera Saussure (2006[1916], p. 27-28). Quando Meillet fala de *langue*, ele se refere à língua como um idioma, uma noção particular, uma língua de uma nação ou de um grupo. Meillet fala de *uso linguístico*, de *fenômenos da língua falada*, sendo a fala sempre tratada como manifestação da linguagem e sem uma definição específica para ela. Meillet compreendia, pois, a linguagem como um fato social, e cada língua, e toda língua, como noção particular e concreta, era também conceituada como um fato social:

[...] a linguagem [*le langage*] é, pois, eminentemente um fato social. Com efeito, ela se encaixa exatamente na definição que Durkheim propôs; uma língua [*une langue*] existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam, e apesar de ela não ter nenhuma realidade exceto pela soma de seus indivíduos,

⁷ Traduzido do inglês.

ela é, no entanto, de acordo com sua generalidade, exterior a cada um deles. Isso mostra que ela não depende de qualquer um deles para mudar e que qualquer desvio de uso individual provoca uma reação, essa reação não é senão, na maioria das vezes, outra sanção ridícula imposta ao indivíduo que não fala como os demais [...]. As características que são exteriores ao indivíduo e de coerção pelos quais Durkheim definiu o fato social, aparecem, então, na linguagem como a evidência final (MEILLET, 1905-1906, p. 230).

O texto citado foi escrito por Meillet e publicado sob o título de *Comment les mots changent de sens* entre os anos 1905-1906, no jornal criado por Durkheim, *L'année sociologique*. Estão presentes na conceituação de Meillet as características próprias dos fatos sociais como definidos pelo sociólogo francês: a independência que o fato social possui em relação ao indivíduo, sua característica de exterioridade a este, as reações contrárias ao ato individual arbitrário, as sanções impostas a este ato, e a coerção que o fato social exerce sobre a vontade do indivíduo. Para Durkheim, os fatos sociais envolvem obrigação moral e são apoiados por sanções, sejam de forma direta ou indireta:

Se tento violar as regras do direito, elas reagem contra mim para impedir meu ato, se estiver em tempo, ou para anulá-lo e restabelecê-lo em sua forma normal, se tiver sido efetuado e for reparável, ou para fazer com que eu o expie, se não puder ser reparado de outro modo. [...] Ademais, a coerção, mesmo sendo apenas indireta, continua sendo eficaz. Não sou obrigado a falar francês com meus compatriotas, nem a empregar as moedas legais; mas é impossível agir de outro modo. Se eu quisesse escapar a essa necessidade, minha tentativa fracassaria miseravelmente (DURKHEIM, 2007[1895], p. 2-3, *passim*).

Um paralelo semelhante se encontra na seguinte declaração de Meillet, em que o linguista dá ênfase ao caráter obrigatório e repressivo da linguagem enquanto norma social, que é exterior ao indivíduo:

[...] ridícula é a sanção imediata a todos os desvios individuais, e, nas sociedades civilizadas modernas, exclui de todos os principais empregos examinados aqueles cidadãos que não sabem se submeter às regras da linguagem, às vezes, bastante arbitrárias, mas que já foram adotadas pela comunidade (MEILLET, 1906, p. 17).

Para Meillet, os próprios indivíduos, devido à necessidade de serem compreendidos, buscam a manutenção da mais alta identidade nos usos linguísticos,

e, uma vez que uma norma⁸ é adotada pela comunidade, ela se impõe a todos os indivíduos e se volta contra qualquer tentativa de alterá-la, sob a pena de o indivíduo ser excluído dos bens sociais.

Como Durkheim, Meillet se recusava a dar aos fatos sociais uma explicação psicológica ou que tivesse de recorrer diretamente às bases psíquicas do indivíduo. Nesse sentido, pode se perceber outro paralelo entre as ideias de ambos:

Que a matéria da vida social não possa se explicar por fatores puramente psicológicos, ou seja, por estados da consciência individual, é o que nos parece de todo evidente (DURKHEIM, 2007 [1895], p. XXIII).

Parece, de início, que não se pode explicar os fatos unicamente com a ajuda de considerações fisiológicas e psicológicas (MEILLET, 1905-1906, p. 232).

Em outro momento, Meillet, em sua aula inaugural do curso de Gramática Comparada no *Collège de France*, em 13 de fevereiro de 1906, criticando o apego da Linguística Geral à estrutura anatômica e psíquica do indivíduo, ao explicar as causas da variação e da mudança linguísticas, declarou sua insatisfação com tais estudos:

O elemento variável que falta ser determinado pela Linguística Geral não pode, naturalmente, se encontrar na estrutura anatômica dos órgãos ou no funcionamento desses órgãos; não se encontra de forma mais acentuada no

⁸ Mikhail Bakhtin (1981[1929]) inclui a figura de Meillet e também a escola sociológica de Durkheim dentro da orientação do pensamento filosófico-linguístico, que tem Ferdinand de Saussure como figura central, a que o pensador russo chama de *objetivismo abstrato*. Segundo o autor, o objetivismo abstrato postula a independência do sistema em relação ao ato de criação individual, a toda intenção e desígnio. Assim, segundo o autor, para essa escola de pensamento, “a língua opõe-se ao indivíduo enquanto norma indestrutível, peremptória, que o indivíduo só pode aceitar como tal” (1981[1929], p. 78). Bakhtin certamente não aceita tal formulação. Para ele, “a consciência subjetiva do locutor não se utiliza da língua como de um sistema de formas normativas” (1981[1929], p. 92). Pois, “os membros de uma comunidade linguística, normalmente, não percebem nunca o caráter coercitivo das normas linguísticas. A significação normativa da forma linguística só se deixa perceber nos momentos de conflito, momentos raríssimos e não característicos do uso da língua (para o homem contemporâneo, eles estão quase exclusivamente associados à expressão escrita)” (1981[1929], p. 95).

funcionamento psíquico: estes são os dados constantes, que são, em toda parte, essencialmente os mesmos, e que não contêm em si os princípios de variação. Mas há um elemento cujas circunstâncias causam variações constantes, às vezes bruscas, às vezes lentas, mas que nunca cessa inteiramente: esse elemento é a estrutura da sociedade (MEILLET, 1906, p. 16).

Nesse mesmo texto, Meillet volta a declarar a linguagem um fato social e realça sua noção dizendo que a linguagem possui uma realidade que é tanto linguística quanto social. Como uma realidade linguística, a linguagem ou “uma língua é um sistema complexo de meios de expressão, um sistema onde tudo se mantém e onde uma inovação individual dificilmente pode encontrar um lugar”, pois uma inovação resultante da vontade individual pode não ser “adequada a esse sistema, isto é, se não estiver em harmonia com as regras gerais da língua” (MEILLET, 1906, p. 16). Trata-se, nesse caso, das convenções sociais de que uma língua é composta, de um acordo coletivo pela manutenção do sistema linguístico. Além disso, para Meillet, a linguagem como uma realidade social “resulta do fato de uma língua pertencer a um conjunto definido de indivíduos falantes, do fato de ela ser o meio de comunicação entre os membros de um grupo, e do fato de ela não depender de qualquer um dos membros do grupo para mudar” (MEILLET, 1906, p. 16-17). Ao dizer isso, o linguista se apoiou não nas palavras de Durkheim, como se poderia pensar, mas nas de Bréal: “como bem disse, em seu *Essai de Sémantique*, M. Bréal, a limitação da liberdade que cada indivíduo tem de mudar sua linguagem ‘é necessária para que seja inteligível, isto é, ela é do mesmo tipo das outras leis que regem a nossa vida social’” (BRÉAL, 1897 *apud* MEILLET, 1906, p. 17).

Meillet, naturalmente, compreendia o caráter inovador de uma abordagem social na Linguística. Deve-se ter em mente que a Linguística Geral de sua época estava fundada nos postulados neogramáticos sobre o estudo do desenvolvimento da linguagem, isto é, sobre a mudança linguística. Os neogramáticos estavam, principalmente, interessados em conhecer as leis que determinam as mudanças nas línguas, como a mudança sonora, a analogia e o empréstimo. Uma abordagem social deveria incluir também tais preocupações. Portanto, buscando conciliar os estudos em vigência com uma proposta inovadora, Meillet levantaria uma questão teórica *a priori* que deveria guiar os estudos linguísticos subsequentes: “por isso, é provável que, *a priori*, toda alteração na estrutura social resulte em mudanças nas condições em que a linguagem se desenvolve” (MEILLET, 1906, p. 17).

Meillet, no entanto, não ignorava o fato de a linguagem ser uma “instituição autônoma” e que se pudesse determinar “as condições gerais de seu desenvolvimento de um ponto de vista puramente linguístico” (MEILLET, 1906, p. 17). Esse seria o objetivo da Linguística Geral. Além disso, o fato de a linguagem depender das condições anatômicas, fisiológicas e psicológicas do indivíduo falante para se manter ou desenvolver faz com que o estudo da natureza desses elementos permita um amplo entendimento desse objeto. Por outro lado, o autor dizia que, por ser a linguagem um fato social, a Linguística deveria ser uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se poderia recorrer para compreender a mudança linguística seria a mudança social:

[...] nunca são os fatos históricos em si que determinam diretamente as mudanças linguísticas, e são somente as mudanças de estrutura da sociedade que podem modificar as condições de existência da linguagem. Será necessário determinar a qual estrutura social corresponde uma dada estrutura linguística e como, de maneira geral, as mudanças da estrutura social se traduzem em mudanças da estrutura linguística (MEILLET, 1906, p. 17-18, *passim*).

Meillet, então, reconhecendo a necessidade de a Linguística acolher um ponto de vista sociológico, estabeleceu como objeto de seu curso no *Collège de France*, explorar em que medida se poderia “reconhecer a relação entre o desenvolvimento linguístico e outros fatos sociais”. Além disso, apontando novos rumos para os estudos linguísticos, declarou:

O século XIX foi o século da história, e o progresso alcançado pela Linguística, colocando-se na perspectiva histórica, foi admirável; as ciências sociais estão, atualmente, se constituindo, e a Linguística deve assumir o lugar que sua natureza lhe atribui. É, então, chegado o momento de marcar a posição dos problemas linguísticos de um ponto de vista social. Olhar para o futuro em vez de olhar para o passado é a forma de seguir o exemplo do mestre que me precedeu nesta cadeira [Michel Bréal], e de permanecer fiel ao espírito da nobre casa que me deu a honra do acolhimento (MEILLET, 1906, p. 18).

Meillet também questionou, no texto *Comment les mots changent de sens* (1905-1906), o fato de a Linguística ter, até aquele momento, ficado alheia aos estudos sociológicos que se constituíam e alheia também a quase todas as considerações do contexto social em que as línguas se desenvolvem:

O objeto primeiro do estudo linguístico foi para todos uma prática, e a gente foi, assim, levado a considerar, não mais o processo pelo qual as línguas se

mantêm e se desenvolvem, mas os fatos concretos: a pronúncia, as palavras, as formas gramaticais e o arranjo das frases (MEILLET, 1905-1906, p. 231).

A explicação para esse fato estaria na história de constituição dessa área. Segundo Meillet, as línguas eram normalmente estudadas por si mesmas, mas também para que se pudessem recitar rituais religiosos, encontrar informações em textos religiosos, compreender línguas estrangeiras, ou para falar e escrever corretamente uma língua que, geralmente, não era falada naturalmente. No entanto, todos esses estudos se afastavam da *língua cotidiana* e dos grupos sociais em que ela era falada. O linguista, naturalmente, mostrou-se insatisfeito com o estado em que os estudos de Linguística Geral se encontravam, pois, alheios à realidade social da linguagem, continuavam a ignorar as ações humanas que determinam as inovações e as conservações que juntas constituem a história da linguagem. Tais ações só poderiam ser identificadas se os linguistas se atentassem para a estrutura da sociedade, pois, para o autor, a história e a estrutura de uma língua estão intimamente relacionadas à história e à estrutura da sociedade.

É importante observar também que, em meio ao apogeu do ideal positivista de constituição de campos científicos autônomos, Meillet propõe um estudo de campos correlacionados, fato que torna sua abordagem inovadora. Num momento em que todos os cientistas pensavam o contrário, buscando a independência de suas áreas, a proposta de Meillet aparece na contramão de tais pensamentos, insistindo que a compreensão da natureza da linguagem dependia da integração dos estudos linguísticos e sociológicos:

Se o meio no qual a linguagem evolui é um ambiente social, se o objetivo da linguagem é o de permitir as relações sociais, se a linguagem é mantida e preservada por essas relações, se, enfim, os limites das línguas tendem a coincidir com os dos grupos sociais, é evidente que as causas de que dependem os fatos linguísticos devem ser de natureza social [...] (MEILLET, 1905-1906, p. 232).

O pensamento de Meillet sobre a natureza social da linguagem e de que seu estudo não poderia se omitir de buscar correlações sociolinguísticas não se tratou de um elemento isolado do final do século XIX e início do século XX.⁹A

⁹ Os estudos dialeto-geográficos, por exemplo, já estavam em amplo desenvolvimento no início do século XX. O próprio Meillet fez várias referências aos trabalhos dos dialetó-

opção pelo estudo das ideias do linguista neste texto se deve à importância de seu trabalho para o desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos no século XX. Seu programa de estudo da linguagem como um fato social e de tornar a Linguística uma ciência social não foi, no entanto, muito além do desejo expresso em seus textos. Com a publicação póstuma do *CLG* de Saussure, foram as ideias deste sobre a língua como um *sistema abstrato*, que deveria ser estudada sincronicamente, que assumiram o debate nos estudos linguísticos subsequentes.¹⁰

2.1 A linguagem como um fato social e a ação individual

O projeto de construção de uma Linguística que recorresse ao contexto social em que a linguagem é empregada só assumira contornos sistemático-científicos um pouco mais de meio século depois da aula inaugural de Meillet no *Collège de France*. No entanto, como já foi mostrado aqui, a forma como Meillet compreendia a linguagem e a maneira como ele acreditava que deveria ser seu estudo foram assimiladas por boa parte de seus ex-alunos. Joseph Vendryes deu um bom exemplo de como a língua de um grupo social é o resultado de um acordo entre seus membros:

Existe um contrato tácito estabelecido naturalmente entre os indivíduos do mesmo grupo para manter a língua tal qual a prescreveu a regra. A gente faz, não sem razão, repousar essa regra sobre o uso. Mas o uso não é arbitrário; ele é, de fato, o oposto. O uso é sempre determinado pelo interesse da comunidade, nisso aqui está a necessidade de ser compreendida. Cada um se opõe, por conseguinte,

logos Abbé Rousselot (1846-1924), Maurice Grammon (1866-1946), Louis Gauchat (1866-1942), Jules Gilliéron (1854-1926), Hugo Schuchardt (1842-1927) etc. e às tentativas destes de descrição de falares locais. Meillet também dedicou um artigo a discutir o trabalho de Gilliéron (*J. Gilliéron et l'influence de l'étude des parlers locaux sur le développement du romanisme*).

¹⁰ Uma relação análoga pode ser feita entre os estudos histórico-comparativos e a Neogramática que abafaram as ideias estruturalistas de Wilhelm von Humboldt (1767-1835), em nome do historicismo e do comparativismo. Agora, são as ideias abstratas de Saussure que abafaram o pensamento de Meillet. Humboldt, cujas discussões acerca da linguagem enfatizavam a compreensão da atividade linguística interior, também colocou em destaque a natureza exterior da linguagem como uma força coercitiva: “por mais interior que seja a linguagem, o que é um fato, ela tem, contudo, também uma existência independente, externa e que exerce violência sobre o próprio indivíduo” (HUMBOLDT, 1990[1836], p. 34).

constantemente, sem o saber e por instinto, à introdução do arbitrário no uso. Quando uma infração se produz da parte de um indivíduo isolado, ela é imediatamente reprimida, o ridículo pune severamente o culpado para tolher o desejo de repeti-la. Para que uma infração ganhe força de lei, é preciso que todos os membros da comunidade estejam igualmente dispostos a cometê-la, o que quer dizer que ela será sentida como uma regra e, por conseguinte, não seja mais uma infração (VENDRYES, 1921[1914], p. 283).¹¹

Vendryes focou sua discussão sobre o uso linguístico e mostrou o papel que cada indivíduo desempenha no sentido de prevenir os *usos arbitrários*. A liberdade individual do uso, ou infração, é punida pelo grupo que, além disso, busca reestabelecer o elemento violado ao seu *status* anterior. Mas Vendryes não ignorava que uma determinada infração no uso pudesse se tornar aceita, *uma lei*, mas para que isso ocorresse seria preciso que os demais indivíduos estivessem de acordo. Assim, o que numa determinada época foi considerada *uma infração da regra*, poderia, em outra época, tornar-se *a regra*.

Vendryes, em outra ocasião, ao dizer que a restrição fonética é tão forte que nenhum indivíduo pode escapar do jugo que ela impõe, citou Durkheim ao comparar tal restrição com a noção de *categorias* do sociólogo, um tipo de necessidade que envolve obrigação moral à vontade do indivíduo (VENDRYES 1921[1914], p. 134). Para Vendryes, ambos os elementos, a restrição fonética e a obrigação moral, extraem sua força do meio social. Por outro lado, encontra-se na conclusão do trabalho de Vendryes a seguinte declaração:

É falso considerar a linguagem como uma entidade ideal que evolui de forma independente dos indivíduos e que persegue seus fins próprios. *A linguagem [le langage] não existe fora daqueles que pensam e falam*. Ela mergulha suas raízes nas profundezas da consciência individual, de onde tira sua força para florescer nos lábios dos indivíduos. Mas a consciência individual é apenas parte da *consciência coletiva* que impõe suas leis para cada um dos indivíduos. A evolução das línguas é apenas um aspecto da evolução das sociedades [...]. O papel do linguista termina quando ele reconhecer na linguagem o jogo das forças sociais e as reações da história (VENDRYES, 1921[1914], p. 420 – grifos nossos).¹²

¹¹ Traduzido do francês.

¹² Traduzido do francês.

Num primeiro momento, seria possível pensar que Vendryes não compartilhasse da noção durkheimiana de que um fato social fosse exterior ao indivíduo e que existisse independente deste. Assim, Vendryes, que considerava a linguagem *o fato social por excelência*, não concordava, portanto, que esse elemento pudesse existir fora e independente do indivíduo. Mas, apesar de Vendryes não ter feito referência nenhuma a quem se dirigia sua objeção, é possível pensar que se opusesse a outra noção de língua: a noção de língua como um organismo vivo, relacionada às teses da Gramática Comparada, especialmente às de August Schleicher e Max Müller. Uma declaração de Saussure, que se encontra nos “Novos Documentos” encontrados em 1996 e editados por Simon Bouquet e Rodolf Engler, reforça essa ideia. Para Saussure, “o mal-entendido em que caiu, no início, a escola fundada por F[rantz] Bopp, foi atribuir às línguas um corpo e uma existência imaginários, fora dos indivíduos falantes” (SAUSSURE, 2011[2002], p. 115).

Vendryes, por outro lado, estava certamente de acordo com a tese de que a língua(gem) é exterior a cada indivíduo, e não a todos os indivíduos, como também acreditava Meillet. Desse modo, para dizer que é no psíquico, *na consciência individual*, que a linguagem está sediada, o discípulo de Meillet recorreu ao conceito de *consciência coletiva* de seu compatriota sociólogo. Para Durkheim, “o conjunto de crenças e de sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem vida própria; podemos chamá-lo de *consciência coletiva* ou *comum*” (DURKHEIM, 1999[1893], p. 50). Assim, Vendryes podia assegurar que a consciência individual é apenas parte da consciência coletiva, logo, a linguagem só estaria completa no grupo de falantes.

Certamente, Meillet estava de pleno acordo com o pensamento de seu discípulo, pois este já declarara que o mestre incentivara a publicação de sua obra, além de ter revisado o trabalho original. Pois, também, Meillet, ao elaborar sua conceituação de linguagem, já havia conservado a noção de coerção social e de sanção moral, assim como a ideia de que a linguagem, ou uma língua, é exterior a cada um dos indivíduos que a falam e de que ela existe independente de cada um deles.

Durkheim (1895) havia concebido os *atos sociais* como objeto de estudo da Sociologia. Para ele, o social somente se explica pelo social e a sociedade é um fenômeno independente das manifestações individuais de seus membros. Durkheim definira tais fatos como formas de “agir, de pensar e de sentir, exteriores ao

indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele” (DURKHEIM, 2007[1895], p. 3). Os fatos sociais possuem características que são externas aos indivíduos, ou seja, existem independentemente dos usos que estes façam deles; são coercitivos no sentido de serem obrigatórios, isto é, o indivíduo não pode se opor à sua existência e às suas prescrições; são restritivos, pois sempre que um empreendimento individual ousar violentá-lo sofrerá as consequências de seu ato.

É importante observar que Meillet em momento nenhum dissera que a *linguagem é exterior a todos os indivíduos* ou que *existe independente de todos eles*. A linguagem, como posse concreta, na terminologia de Meillet, não é exterior a todos os indivíduos, pelo contrário, existe em sua completude em todos os indivíduos. A linguagem é exterior a cada indivíduo particular, o corpo biológico, precisando este do seu aprendizado. Durkheim dizia que o fato social é exterior ao indivíduo, e isso se tornou um ponto de grande discórdia entre os seus colegas sociólogos, pois dava a entender que os fatos sociais dividiam as mesmas características dos elementos do mundo físico, que tem uma existência concreta e baseada no espaço geográfico (GIDDENS, 1998).

Mas os fatos sociais consistem de ideias, de ações, de sentimentos, que dependem de um psiquismo ou de uma mente para existirem. A solução para essa contradição foi a criação por Durkheim de um *psiquismo coletivo* e de sua consequente personificação. Conforme apontou Bernard Lahire (2006), “na luta por fundar e delimitar uma ordem de fatos especificamente sociais”, delimitando metodologicamente o espaço da investigação sociológica, Durkheim operou “um deslocamento metafísico que consiste em inventar um novo ‘ser psíquico’, distinto de cada ser psíquico individual, e que chamará diversamente de ‘consciente coletivo’, ‘espírito coletivo’ ou ‘alma coletiva’” (p. 600). Durkheim falou também, em outras ocasiões, de *representações coletivas*, argumentando que “o que as representações coletivas traduzem é a maneira pela qual o grupo *se pensa* em suas relações como os objetos que o afetam” (DURKHEIM, 2007[1895], p. XXIII – grifos nossos).

Tais complicações não são encontradas nas ideias de Meillet sobre a natureza social da linguagem. O caráter de exterioridade da linguagem se deve ao fato de ela preexistir e sobreviver a cada indivíduo, e de não ser criada por ele. O que Meillet e os linguistas que consideraram a linguagem um fato social tinham em comum era o desejo de rompimento com o tipo de estudo da linguagem que se

fazia em sua época, que se baseava no indivíduo da filosofia e da psicologia, pensante e livre, senhor de si e da linguagem. É nesse sentido que Meillet dizia que independentemente do indivíduo e dos usos que este fizesse da língua, ou que deixasse de fazer, ela continuaria existindo. Quando Meillet dizia que a língua(gem) não depende de qualquer dos indivíduos, não queria dizer que ela é um sistema completamente autônomo que se desenvolve por si. Pelo contrário, entendia que são as convenções do uso acordadas entre os membros do grupo que mantêm a língua em conservação ou que autorizam sua mudança.

Dizer que a linguagem é exterior ao indivíduo particular ou a cada indivíduo particular, é diferente de dizer que ela é exterior a todos os indivíduos. Isso significa que a língua preexiste e sobrevive a cada indivíduo e que não é inventada por ele. Argumentar que a linguagem é uma realidade externa ao indivíduo particular significa que inúmeros indivíduos já eram portadores dela quando esse indivíduo nasceu e que continuarão sendo após a morte dele. Significa que o sistema de signos que o ser particular utiliza para se expressar existe e funciona independente dos usos que ele faça desse sistema. No entanto, embora a língua possa existir e funcionar independente dos usos que o indivíduo particular faça dela, não é verdade que ela exista e funcione independentemente dos usos que os demais membros da sociedade façam dela. Bernard Lahire (2006) analisou a declaração de Durkheim de que os fatos sociais são exteriores *a todos os indivíduos*, ou que “as maneiras coletivas de agir ou de pensar tem uma realidade *fora dos indivíduos*”, e argumentou que, por não ser o social distinto dos indivíduos, não via onde se apoiava esse *fora dos indivíduos*.

O mais importante é, então, argumentar que o que Meillet queria deixar claro era que não compreendia o indivíduo nos termos em que o compreendiam a filosofia clássica e a psicologia emergente do início do século XX. Obviamente, Meillet não entendia que o indivíduo fosse apenas um receptáculo dos fatos sociais, dos costumes, das crenças, das convenções e acordos. Não o limitou a apenas se conformar e reproduzir tais elementos. No entanto, entendia que a atuação desse indivíduo sobre tais coisas era acompanhada por normas, regras de conduta. Em outras palavras, não entendia que era o grupo ou as instituições que agissem, mas os indivíduos mediante as normas e convenções do grupo adquiridas socialmente.

Conclusão

A linguagem, utilizando-se a terminologia de Meillet, é um fato social eminente, o mais importante, de que todos os demais fatos sociais dependem para se estabelecerem e se manterem. Como bem disse Meillet, ela é a própria condição de existência da sociedade. Ela foi criada e constantemente recriada pelos indivíduos no decorrer de seu desenvolvimento intelectual, emocional e racional, para que, num primeiro momento, pudesse atender às necessidades de subsistência da raça, e depois para que servisse de apoio para o pensamento, para a expressão das emoções e para a reflexão. Nesse sentido, a linguagem sempre foi uma criação e recriação coletiva e cada indivíduo portador de seus signos cumpriu seu papel de mantenedor e propagador de tais signos. Cada indivíduo e todo indivíduo pôde (e pode), em um determinado momento, sob condições históricas, sem intenção premeditada, ser um agente de mudança e de manutenção dos usos linguísticos.

Um fato importante observado neste texto foi o de que a conceituação de linguagem de Meillet, embora tenha sido inspirada no conceito de Durkheim para os fatos sociais, não tem as mesmas inconsistências de que sofre a noção durkheimiana. Embora Meillet tenha alinhado seu pensamento ao de Durkheim ao buscar mostrar as consequências do caráter obrigatório e normativo de uma língua, e de dar ênfase às restrições que ela impõe ao ato individual, ele em momento algum dissera que uma língua existe independente dos indivíduos falantes, nem conferiu sua realidade a uma *alma coletiva*.

Uma língua, para Meillet, existe independentemente de cada indivíduo falante, mas não independente de todos. Ela encontra sua realidade na soma dos indivíduos ou na soma de seus signos. Nesse sentido, a forma como Meillet compreendia a natureza de uma língua definida como um fato social não se diferencia da forma como também compreendiam Whitney e Saussure. Em ambos os autores, está clara essa ideia de que uma língua possui uma realidade exterior ao indivíduo particular. Mas nenhum deles discordara de que ela, como uma instituição social, um fato social, um conjunto de regras convencionais, venha se tornar uma realidade interna a todos os indivíduos pelo aprendizado.

Pôde-se argumentar, então, que a forma como Meillet compreendia a natureza da linguagem influenciou a forma como seus ex-alunos tratariam da especificidade desta como um fato social. No entanto, por mais que tenha sido importante o trabalho de Meillet e de seus alunos, eles não conseguiram desenvolver

uma disciplina ou um campo de conhecimento que fosse capaz de tratar da língua como um fato social. Essa tentativa seria apenas bem sucedida nas décadas finais do século XX e teve em William Labov uma figura central. A abordagem desenvolvida por Labov é declaradamente uma tentativa de colocar em prática as declarações de Meillet e de seus discípulos. Para estes, a língua como um fato social deveria ser estudada no contexto social e que tal estudo tinha de levar em consideração a estrutura da sociedade como o elemento que explicaria as variações e mudanças de uma língua.

Referências

ALTMAN, Cristina. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lahud et. al. São Paulo: Hucitec, 1981[1929].

BRÉAL, Michel. *Essai de Sémantique: science des significations*. Paris: Librairie Hachette, 1897.

CALVET, Louis-Jean. Reflections on the origins of sociolinguistics in Europe. In: Paulston, Christina Bratt; Tucker, G. Richard (Eds.). *Sociolinguistics: The essential readings*. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2006.

DURKHEIM, Émile. *Da Divisão do Trabalho Social*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999[1893].

_____. *As Regras do Método Sociológico*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007[1895].

GIDDENS, Anthony. *Política, Sociologia e Teoria Social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo*. Trad. de Cibele Saliba Rizek. São Paulo: UNESP, 1998[1977].

HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona: Anthropos, 1990[1836].

KOERNER, Konrad. *Toward a history of American Linguistics*. London; New York: Routledge, 2002.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York city*. Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press, 2006[1966].

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991[1972].

LAHIRE, Bernard. *A Cultura dos Indivíduos*. Trad. Fátima Murad. Artimed: São Paulo, 2006.

MARRA, Daniel. *Whitney, Saussure, Meillet e Labov: implicações metodológicas e conceituais da noção de língua como um fato social para os estudos linguísticos*. 2012. 162f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

MEILLET, Antoine. *Introduction a L'étude Comparative des Langues Indo-Européenes*. Paris: Librairie Hachette, 1903[1908].

_____. *Les dialectes indo-européens*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1908.

_____. *Comment le Mots Chagent de Sens*. In: *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948[1905-1906].

_____. *L'état Actuel des Études de Linguistique Générale*. In: *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948[1906].

_____. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. In: *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948[1918].

_____. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948.

_____. *J. Gilliéron et L'influence de L'étude des Parlers Locaux sur le Développement du Romanisme*. In: *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948[19?].

MILANI, Sebastião Elias. *Historiografia-Linguística de Ferdinand de Saussure*. Goiânia, Kelps, 2011.

MARRA, D; MLANI, S. Uma teoria social da Lingua(gem)...

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. A. Chelini. J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006[1916].

SCHMITT, Rüdiger. Meillet, (*Paul Jules*) *Antoine: French linguist and scholar of Iranian and Armenian studies (1866-1936)*. Encyclopaedia Iranica: Disponível em: <<http://www.iranicaonline.org/articles/meillet-paul-jules-antoine-1>>. Acesso em 19 set. 2011.

SCOTT, John. *Sociologia: conceitos-chave*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VENDRYES, Joseph. *Le Langage: Introduction Linguistique a L'histoire*. Paris: La Renaissance du Livre, 1921[1914].

WHITNEY, William Dwight. *Language and the Study of Language: Twelve Lectures on the Principles of Linguistic Science*. London: N. Trubnek & Co., Ludgate Hill, 1884[1867].

Recebido em 07/09/2012

Aprovado em 16/11/2012